

O LOGOS COMO NORTEADOR DE PROJETOS DE VIDA: Foco determinante de uma Consultoria Pessoal

Bianca dos Santos Damasceno¹

RESUMO: O artigo destaca conceitos fundamentais da Logoterapia & Análise Humanista-Existencial de Viktor Emil Frankl, apontando-os como uma boa resposta ao desafio atual de se trabalhar em prol do autoconhecimento. Para tanto, defende o *logos* (sentido) como o principal foco a ser observado por atividades e/ou tratamentos de apoio à estruturação de Projetos de Vida. Por meio do diálogo entre uma abordagem frankliana e pensadores contemporâneos críticos do capitalismo recente, o texto mostra a possibilidade de se realizar um movimento de resistência à infantilização das cabeças no mundo pós-moderno.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Logoterapia; Análise Humanista-Existencial; Projetos de Vida; Consultoria Pessoal.

ABSTRACT: The article brings out basic concepts of Logotherapy & Existential-Humanistic Analysis of Viktor Emil Frankl, pointing them out as a good response to the current challenge of working towards self awareness. To this end, it advocates *logos* (meaning) as the main point to be observed in supporting activities and/or treatments for structuring life projects. Through a dialogue between a franklian approach and contemporary critic thinkers of the current capitalism, the text presents the possibility of performing a movement of resistance against the childlike thinking present in the post-modern world.

Keywords: Contemporary; Logotherapy; Humanistic-Existential Analysis; Life Project; Personal Consulting.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com as demandas da existência humana exige conhecimento, profissionalismo e ética a serviço da autonomia. O nome e a abordagem podem variar, dependendo do foco, da especialidade e da área de atuação do profissional, mas seja em psicoterapia, psicanálise, *coaching* de vida (*life coaching*), aconselhamento (*counseling*), mentoria (*mentoring*) ou consultoria individual não

¹ Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade – Universidade Veiga de Almeida. Pós-graduada em Gestão Estratégica de Serviços pela Fundação Getúlio Vargas-RJ. Atua em empresas e em escritório próprio, com foco em Organização e Comunicação de Ideias. Email: bsdamasceno@globocom

se pode deixar de confrontar o indivíduo com o seu Sentido e com a responsabilidade diante de suas escolhas. É por isso que a Logoterapia, do neuropsiquiatra Viktor Emil Frankl (1905-1997), se mostra uma Escola filosófica, antropológica e terapêutica apropriada para ajudar a refletir sobre o *Logos* (Sentido) como norteador dos projetos de vida de pacientes e/ou clientes. Afinal, para Frankl, o ser humano é aquele que precisa sempre conferir sentido à existência, mesmo nas situações mais extremas, responsabilizando-se pelas suas escolhas (FRANKL, 2003, p.41). Este artigo propõe-se a relacionar os ensinamentos apreendidos nas disciplinas da Pós-Graduação em Logoterapia e Análise Existencial (ALVEF, 2012-14), com uma experiência de mais de dez anos em Consultoria Pessoal, demonstrando que os conceitos defendidos pela Terceira Escola Vienense de Psicoterapia² respondem às indagações daqueles que lidam com a análise existencial do homem contemporâneo.

PROJETOS DE VIDA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Diferentemente do que se viu até a era moderna, o homem dito pós-moderno se depara com a ausência crescente de metanarrativas que lhe sirvam de "bússolas" ou "faróis". Homem marcado pela perda da solidez e pelo esvaziamento de sentido. Por isso, sem um deus absolutista, sem um Estado protecionista, sem castas, sem fronteiras... Tal sujeito segue sozinho e desassistido, submerso numa heterarquia, onde *"as decisões e as formas de organização são feitas de maneira descentralizada e entre 'iguais'."* (DORO, 2008). A esse tempo o filósofo francês Jean-François Lyotard denominou como a *"época da deslegitimação"*, no final da década de 1970. O que se encaminhou - a partir dos anos 1990 - para o que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman veio a chamar de *"modernidade ou vida líquida"*; o que o filósofo francês Gilles Lipovetsky denominou como *"a era do vazio"* e o que o filósofo alemão Peter Sloterdijk teorizou pela metáfora das *"espumas"* (DAMASCENO, 2011, p. 29).

A partir daí, a modulação dos projetos de vida na contemporaneidade vêm, ao longo dos anos, perdendo o vínculo com o que se poderiam considerar valores universais, ideais coletivos ou utopias generalistas. Em seu lugar, nasce o

² A Logoterapia/Análise Existencial é conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, sendo a Psicanálise Freudiana, a primeira, e a Psicologia Individual de Adler, a segunda.
In: <http://www.logoterapiaonline.com.br/pages/courses/logo.php>. Consultado em 10.03.2014.

compromisso com o individualismo total ou com os coletivismos minituarizados (LIPOVETSKY, 2005, XXIII), gerando o que Lyotard chamaria de uma *"massa composta por átomos individuais"* (2009 [1979], p.28). Perdem força a carreira numa única empresa, a fidelidade político-partidária, os relacionamentos de longa data. Na prática, o *"até que a morte os separe"* cede lugar ao *"que seja infinito enquanto dure"*. Todos os conceitos sólidos que, mal ou bem, posicionavam o lugar do homem, da mulher, da criança, de deus, da família, do trabalho, da religião, do partido... entram em liquefação, relativizando as aspirações e ambições humanas. Assim, nada se mantém do mesmo jeito nem segue o mesmo fluxo por muito tempo (BAUMAN, 2007, p. 7).

Nesse movimento de fragilização do coletivo e fortalecimento de privatização da vida, cabe perguntar, então: a que causa o *"homem de nossos tempos"* passa a se dar em sacrifício e a moldar os seus projetos? À causa da felicidade, que na pós-modernidade é sinônimo de materialidade e sucesso particular. Tal causa, deve ser conquistada por meio da competitividade e do consumismo de bens e serviços que garantam o aumento contínuo da performance individual. Para tanto, conta-se com um acelerado e ininterrupto avanço informacional, tecnológico e científico.

Em suas sedutoras vestes contemporâneas, a felicidade não se afigura como cortesia dos deuses, nem como o resultado de um árduo esforço coletivo para a transformação de circunstâncias externas. Não estaria atrelada à sorte, ao destino ou à recompensa final por uma vida virtuosa. Tampouco dependeria, substancialmente, das ações distributivas ou assistenciais do Estado. A felicidade se insinua, no imaginário popular e científico, como um projeto de engenharia individual, orientado por uma legião de especialistas na reprogramação da mente, na turbinagem do cérebro ou no retoque da aparência. Várias são as rotas mapeadas pelos missionários do bem-estar subjetivo e pelos apologistas da potencialização da performance. (FREIRE FILHO, 2010, p. 13-15)

Contudo, apesar de individualista, esse modelo idealizado de vida privada não carrega consigo qualquer originalidade. Ao contrário, já se encontra ditado pelas injunções do sistema capitalista. Cria-se, portanto, um paradoxo. De um

lado, cada sujeito é "*devolvido*" a si mesmo, enfraquecendo as uniões sociais. Por outro, esse "a si mesmo" é previamente ditado pelas regras competitivas e pelos padrões de consumo já instituídos. Em outros termos, sobrepõe-se o mercado à sociedade, passando a não mais existir sociedade, mas só mercado, sem nada que possa detê-lo ou regulá-lo, a não ser 'ele' mesmo. (QUINET, 2002, p. 33). Como consequência desses *modus operandi*, tem-se um homem mais egocêntrico e pouco interessado nas demandas da comunidade. Mais isolado, mais solitário, mais autocentrado. Enfim, um homem despreocupado com o **servir** e bastante ocupado em **gozar**, como defende Bezerra Jr no artigo *A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem estar* (2010, p. 118), apoiando-se nas ideias de Slavoj Zizek:

À primeira vista, parecemos viver numa sociedade na qual imposições e obrigações saíram de fato do cenário em que circulamos. Num segundo exame, porém, o quadro é outro: a injunção superegoica não desapareceu, apenas mudou de face na organização do laço social. Se antes aparecia sob a forma de *interdição* que impunha limites claros e rígidos, ao excesso do gozo, hoje surge sob o modo invertido da *incitação* ao gozo. A felicidade, que era uma aspiração, tornou-se um dever. (ZIZEK, 1999)

Nessa linha de pensamento, Joel Birman defende que o discurso sobre a felicidade que se disseminou a partir dos anos 1990, lançou cada indivíduo numa procura desesperada por seus objetivos particulares sem se inscrever numa ordem social 'englobante'. É como se cada indivíduo passasse a representar uma pequena empresa neoliberal, buscando sobrevivência sem poder contar com a proteção de ninguém (BIRMAN, 2010, p. 37). O problema é que essa busca desesperada por objetivos particulares, sem compromisso com os interesses coletivos e apenas subordinado ao gozo individual, pode conduzir o homem à barbárie. Desde Freud já se sabe que a compulsão ao gozo absoluto (tão propagado no sistema capitalista) é sinônimo de morte. A pulsão humana precisa ser contida para que, por renúncia, possamos viver em grupo. É esse o papel da cultura (FREUD, 1996 [1929-30], p. 127). Portanto, sem um **sentido** que o ultrapasse e o leve a sobrepor sua pulsão - atualmente direcionada ao consumo desenfreado e à exacerbação da competição - o homem se torna e se encontra em perigo.

Não é à toa que a deslegitimação e a liquidez que conduzem a um estado de vazio sejam marcas dos novos tempos, apontadas pelos estudiosos do contemporâneo, como se viu acima. E como consequência, também não são à toa,

a toxico-dependência, as doenças psicossomáticas, as muitas formas de depressão e os mais variados tipos de compulsão... O homem privatizado e mercantilizado do mundo contemporâneo perde seu norte civilizatório, empobrecendo-se de sua própria humanidade. Isso porque ter a felicidade que brota do sucesso e da riqueza material como um fim em si mesmo só é possível numa sociedade composta por "adolescentes perenes", como aponta o teórico político, Benjamin Barber. "Trata-se de um etos de infância induzida: uma infantilização que está intimamente associada às demandas do capitalismo de consumo." (BARBER, 2009, p. 13). Complementando essa visão, Dany-Robert Dufour, indica que na pós-modernidade não estamos mais lidando com o sujeito neurótico, caracterizado por uma culpabilidade compulsiva diante do Outro. Para o autor, ao contrário, *"o que define o sujeito pós-moderno é um sentimento de onipotência quando ele é bem sucedido e de impotência quando não o é"* (DUFOUR, 2005, p.105). Por isso, é tão importante lutar a qualquer custo pelo êxito ininterrupto. E é assim que o homem infantilizado, e lançado para fora da alteridade, passa a ter a fantasia da infalibilidade, achando-se todo poderoso.

Um sujeito se dá conta de ter uma série de graves problemas
e resolve procurar um especialista em terapia da imperfeição.
O terapeuta: *"Conte-me a sua vida, desde o início"*.
O paciente: *"Desde o início?"*
O terapeuta: *"Sim, conte-me tudo a seu respeito"*.
O paciente: *"Muito bem, no início eu criei o céu e a terra..."*.
(PETER, 1999, p. 6)

A onipotência ilusória desse tipo de economia global, emancipa crianças a consumidores e faz com que adultos queiram se manter sempre jovens, poderosos e vigorosos, independentemente de sua idade. Com isso, para Barber (2009, p. 16), progressivamente vai-se demolindo os estádios tradicionais do ciclo de vida, abreviando-se a infância e perpetuando-se a juventude. É por esse motivo que a adolescência começa antes da puberdade e, para muitos, passa a durar "para sempre".

É a atração pela idade sem dignidade, por roupas sem formalidade, sexo sem reprodução, trabalho sem disciplina, brincadeiras sem espontaneidade, aquisição sem propósito, certeza sem dúvida, vida sem responsabilidade, narcisismo até a idade avançada e a morte sem um vestígio de sabedoria ou humildade. Na época em que vivemos, a civilização não é um ideal nem uma aspiração, é um videogame. (BARBER, 2009, p. 17)

Essa perda civilizacional que transforma pessoas em mercadorias (BAUMAN, 2008, p. 20) e que coloca o indivíduo numa infinita odisseia infanto-juvenil, faz com que o psicanalista Benilton Bezerra levante a seguinte pergunta sobre a base dos projetos de vida no mundo pós-moderno: *"Quando a felicidade é progressivamente descolada de obrigações coletivas e valores transcendentais, e incluída no rol das conquistas a serem alcançadas e exibidas pelo indivíduo como prova de seu sucesso, em que ela pode se materializar?"* (BEZERRA JR, 2010, p. 120). João Freire Filho responde dizendo que, em última escala, materializa-se em *"pobreza existencial e indigência ética"* (2010, p. 77). É aqui que a teoria de Frankl deve ser resgatada.

O LOGOS COMO NORTEADOR

Na introdução do seu principal livro - *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração* - Viktor Frankl já deixa uma resposta controversa em relação ao modelo de mundo adotado na contemporaneidade.

Não procurem o sucesso. Quanto mais o procurarem e o transformarem num alvo, mais vocês vão errar. Porque o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; ele deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior (...). E então vocês verão que a longo prazo – estou dizendo: a longo prazo! – o sucesso vai persegui-los, precisamente porque vocês esqueceram de pensar nele. (2008 [1985], p. 10)

Recomendação polêmica diante do que se prega no mundo pós-moderno, tal fala de Frankl é, na verdade, um alerta para a ameaça de se inverter os fins pelos meios, ou melhor, de se estabelecer como fins o que seriam apenas consequências de ações dotadas de sentido para o sujeito. Ele também adverte para a questão do tempo, afinal, projetos de vida consistentes demoram a ser efetivados e não podem ser empreendidos à moda *fast* (*fast food, fast shop, fast motion...*). Viver dá trabalho e exige dedicação independentemente das

circunstâncias: alegria ou tristeza, saúde ou doença, amor ou dissabor, vitória ou fracasso... Daí a teoria frankliana defender que não podem ser sucesso, riqueza e/ou felicidade norteadores do humano, e sim o *logos*. Segundo Viktor Frankl há, no homem, uma vontade suprema que precisa ser atendida: a **vontade de sentido**. Dessa forma, o *logos* (ou o "*sentido*") é a resposta do sujeito a uma indagação da vida por algo que deva ser realizado: um trabalho, uma dedicação amorosa a alguém ou até mesmo uma dor inevitável... Ao se atingir esse entendimento, reconhece-se que viver abrange mais que a prosperidade material, a fama ou o triunfo. O viver admite também o sofrer e o morrer. Essa maturidade existencial faz com que o ser humano seja o único existente, para Frankl, capaz de decidir quem vai ser.

O "homem de Frankl" é o homem oposto ao do capitalismo recente; a antítese daquele indivíduo infantilizado pelo sistema. Isso porque a "escolha" da qual se fala em logoterapia é uma escolha existencial: Que homem quero ser para o mundo? Que resposta quero dar aos desafios que a vida me impõe? A que ou a quem quero servir? Qual é o sentido da minha vida? Diferentemente disso, nos fala Benjamin Barber que na pós-modernidade vivemos um "massacre de escolhas" vãs, onde o menos acaba significando mais: Que carro me define? Que endereço me faz ser alguém? Que modelo de corpo me satisfaz? Que trabalho me dá mais dinheiro? Para o autor, o que a maioria dos homens realmente busca - amor, respeito, família... definitivamente não passa pelo mercado (2009, p. 161). Para Frankl, essa procura é por um **sentido de vida**. E a sede de sentido parte da **dimensão espiritual**: uma extensão que ultrapassa corpo e mente, sendo a essência e a maior de todas as singularidades humanas. Melhor explicando, o homem constitui-se de três dimensões estruturais, a saber: a dimensão **somática** (física), a dimensão **psíquica** (psicológico/mental) e a dimensão **espiritual** (noética). É nesta última que a obra de Frankl mais se concentra, uma vez que é ligada, diretamente, ao espírito, ao *nous* - ou seja, aquilo que é propriamente antropológico do humano (FRANKL, 2007). Essa abordagem é herança do filósofo

alemão Max Scheler (1874-1928), que defende o **espiritual** como a fundamental diferença entre o humano e os demais seres.

Somente o homem - uma vez que é pessoa - consegue se alçar por sobre si mesmo - enquanto ser vivo, e, a partir de um centro como que para além do mundo espaço-temporal, incluindo aí ele mesmo, tornar tudo objeto de seu conhecimento. Desta feita, o homem como ser espiritual é o ser que se coloca acima de si mesmo como ser vivo e acima do mundo. (SCHELER, 2003, p. 45 - grifos nossos).

A partir de Scheler, e no seu caminho de distanciamento das abordagens que lhe foram inicialmente importantes, Frankl já não poderia mais admitir que a vida humana estivesse subjugada apenas à satisfação das pulsões (Sigmund Freud) ou reduzida à luta pelo prestígio social (Alfred Adler). Passa a defender, portanto, a prática de uma cosmovisão que orienta o olhar para a dimensão espiritual, concebendo, inclusive, a ação de um **inconsciente** que além de instintual é também espiritual. Por ser **pessoa espiritual** o homem é capaz, até mesmo, de contrariar o biológico e o psíquico que o compõem. Em outros termos, é capaz de atravessar sua corporalidade e seu psiquismo, desvelando-se através de sua existência noética.

A logoterapia em caso algum invalida as descobertas sérias e legítimas dos grandes pioneiros como Freud, Adler, Pavlov, Watson, ou Skinner. No âmbito das respectivas dimensões cada uma dessas escolas tem sua palavra a dizer. Mas sua efetiva importância e real valor ficam evidentes apenas quando as colocamos no âmbito de uma dimensão mais alta, mais compreensiva, isto é, no âmbito da dimensão humana. Neste âmbito, não há dúvida, o homem não pode mais ser considerado apenas como uma criatura cujo interesse fundamental é o de satisfazer as pulsões, de gratificar os instintos (...). Nem a presença humana pode ser entendida simplesmente como o resultado de condicionamentos ou de reflexos condicionados. Neste âmbito (espiritual), o homem se revela como um ser em busca de um sentido. (FRANKL, 2005, p. 11)

Viktor Frankl entendeu essa peculiaridade e a ressaltou, como médico, dentro da clínica, tomando o homem por sua totalidade (não só biológico e psíquico, mas por excelência, espiritual). Essa foi a maior contribuição para a sua atividade. No entanto, tal contribuição extrapola o campo da medicina e pode ser levada para as esferas antropológica, política, econômica e social. Uma visão que pode responder ao vácuo apontado nos estudos sobre o contemporâneo e sua

importância para a gestão de projetos pessoais e profissionais, tema deste artigo. Portanto, para Frankl, o homem é capaz de abrir mão do prazer, do poder, de seus interesses individuais em função de sua vontade de sentido, uma vez que esta parte de sua dimensão noética, a instância que nunca adoece. Como aponta Ricardo Peter, ao explicar a logoterapia, *“a dimensão específica do homem é o humano; o específico do humano é o espiritual; e a característica do espiritual é a demanda de significado”* (PETER, s/d). Quando a dimensão espiritual se torna emparedada, ou seja, não é mais acessada pelo sujeito, tão “distraído” por um modelo de mundo limitante e ‘*infantilizador*’, perde-se o norte pelo sentido, cai-se na futilidade e na alienação, instalando-se o **vazio existencial**, uma forma específica de neurose deste tempo:

Apesar de enfatizar que o interesse supremo de todo ser humano é encontrar um sentido para existir, a análise existencial frankliana observa que muitas pessoas se encontram frustradas diante da busca de significado - fenômeno que constitui o espírito de nossa época. Trata-se do sentimento da falta de sentido que Frankl (1991) denomina, em 1955, como “vácuo existencial”, uma espécie de neurose sociogênica, tendo em vista que se trata de uma neurose de massa. (AQUINO, 2013, p. 68).

Segundo Aquino, tal neurose de massa, trazida à realidade do indivíduo, constitui-se para a logoterapia uma **neurose noogênica**. Como explica Lukas, essa neurose diferencia-se das neuroses psicogênicas ou somatogênicas por representar a manifestação de uma *restrição interna da capacidade ou disponibilidade de percepção do sentido da vida e sua realização* (LUKAS, 1990 [1987], p. 91). Daí, muitos pacientes/clientes ainda que consigam apoio psicoterapêutico, psicanalítico ou comportamental, ou seja, ainda que passem a ter consciência de suas questões desde a infância, superando bloqueios e desenvolvendo habilidades... continuam acompanhados de um imenso vazio existencial. Daí, também, ver-se fortemente presente na sociedade atual a tríade *“drogação-criminalidade-suicídio”* (AQUINO, 2013, p. 72). A perda da perspectiva do sentido ontológico da existência, para a logoterapia, faz com que o

homem seja empurrado para dentro do "trem da alegria" capitalista, tornando-se, no fundo, desesperado. Isso leva, portanto, a uma perda de compromisso e a uma banalização do valor da própria vida. Atendendo à busca pelo sentido, o homem, ao contrário, passa a ter uma ação mais consciente no mundo, colocando-se como um ser **agente** (que decide, escolhe e age); um ser da possibilidade e da autotranscendência. Nesta concepção humanista-existencial, a pessoa é vista como um constante “**poder-vir-a-ser**”, um **gerúndio existencial**, dotado de intencionalidade e a serviço de algo de valor a realizar. Uma ótica oposta ao imediatismo da cultura preponderante, como reforça Alejandro de Barbieri:

Esta cultura prefere permanecer em um “*carpie diem* adolescente”, convencendo-nos de que se pode ser feliz sem sofrer, sem esperar, reinando o “analfabetismo emocional e espiritual”. A cultura do *já* nos anula como pessoas, porque o ser humano é um ser sendo. Não é **já**, sempre é **sendo**, vai *sendo com o outro*, cuidando de si e de suas escolhas. Para isso, deve tomar a vida em suas mãos. (BARBIERI, 2013, p. 20).

Para a logoterapia o homem é, antes de tudo, um buscador de sentido até o seu último momento (PINTOS, 1992, p.21). Fora do sentido, que o leva a se autodistanciar e situar-se além de si mesmo, o homem se perde de sua humanidade. “*Quando negada a autotranscendência da existência, a própria existência é desfigurada. Ela é materializada. O ser fica reduzido a mera coisa. O ser humano é despersonalizado.*” (FRANKL, 2005, p.47). Portanto, pode-se afirmar com base no que defende a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, que é o *logos* o melhor (mais verdadeiro e autêntico) norteador dos projetos de vida para o resgate da **liberdade da vontade** do homem contemporâneo.

O TRABALHO EM CONSULTORIA PESSOAL

Realizar um trabalho pelas lentes da logoterapia é focar no homem espiritual, buscando limpar ilusões e infantilismos. Ou seja, é empenhar-se em prol do modelo de homem maduro, que eleva-se aos materialismos, aos apelos mercadológicos, às futilidades... e que se põe a serviço de um sentido maior. Um homem transcendente, livre e capaz de responder por suas escolhas. Nesse contexto, a análise humanista-existencial de Viktor Frankl torna-se um especial orientador filosófico-metodológico para uma **Consultoria Pessoal**. Este tipo de

atividade vem-se tornando muito comum desde os anos 1980 em todo o mundo, inclusive no Brasil. As modalidades podem também variar pelos nomes de *life coaching* (*coaching* de vida), *counseling* (aconselhamento), *mentoring* (mentoria), entre outros. Mas neste artigo, achou mais conveniente o uso do termo **consultoria pessoal**. Segundo Block (1991), *"uma pessoa dá consultoria todas as vezes que se dedica a mudanças ou melhorias de situações sem que tenha controle direto sobre sua implementação"*. Nesse caso, a "consultoria pessoal" designa o apoio dado por um profissional - de administração, psicologia, comunicação, pedagogia ou demais áreas..., de acordo com a sua formação - a uma pessoa física na realização de seus projetos de vida.

Seguindo um viés logoterapêutico, vale destacar que receber um cliente em *consultoria pessoal* é se deparar com um mistério... Pode-se fazer a relação com a sarça ardente do monte Horebe, citado no livro bíblico de Êxodo, quando Deus adverte Moisés: *"Você está diante de terra sagrada, tire as sandálias"* - (Ex 3). É preciso respeito diante de alguém que se propõe a um mergulho nesse tipo de autoconhecimento. Afinal, o motivo de tal mobilização pode variar: aposentadoria, dissolução de sociedade empresarial, dificuldade com liderança e gestão, mudança de opção profissional, expansão e aprimoramento, realização de antigos ideais e objetivos, superação de doença ou luto... Fato é que, ao optar por um processo de (re) estruturação de projetos de vida, as pessoas desnudam não apenas seus desejos, mas principalmente, seus medos, bloqueios, vergonhas e segredos. Além do mais, a maioria absoluta reclama das pressões oriundas do mercado e daquilo que temem não corresponder diante da família, dos amigos, da sociedade em geral.

Não é fácil. Por isso mesmo, para que o processo se dê a contento o profissional precisa avistar no seu cliente o **homem todo**. O *homo bios* (o que habita um corpo), o *homo sapiens* (o que pensa e sabe), o *homo faber* (o que faz), e o *homo patiens* (aquele que sofre). Enxergando-os juntos, tal profissional consegue atingir o olhar para o *homo humanus* (aquele que tem um sentido de vida) e oferecer, assim, um atendimento genuíno. Essa é a proposta de Frankl: promover encontros profundos, com abordagem integral sobre a pessoa (TULIO e

LIMA, 2012), esteja ela no papel de terapeuta, esteja no papel de cliente. Na visão logoterapêutica, atua-se menos pelo que se sabe ou pelo que se diz, e mais pelo que se é! (KURZ, 1986, p. 33 e 90). Dessa forma, para Elisabeth Lukas, o maior recurso de um logoterapeuta é a consciência da *"irradiação do próprio ser"* que age no atendimento (LUKAS, 1992, p. 288). Numa *consultoria pessoal* que segue os conceitos franklianos, acontece, portanto, assim. Afeta-se e se é afetado. Por isso é tão decisivo que o profissional saiba o seu papel e a sua responsabilidade. Ele reconhece que tal consultoria pode ser uma ferramenta de libertação ou um reforço à submissão. Quando o sucesso individual e o pódio, conseguidos pela vantagem competitiva sobre os demais, são colocados como alvo, apenas intensifica-se padrões de comportamento e crenças já arraigados na mentalidade deste tempo. Quando crítico e questionador do sistema atual, tal processo pode representar um exercício de amadurecimento para um *"bem viver"* e um *"bem fazer"* dentro do próprio contexto social.

Este artigo trata da **Consultoria Pessoal em Organização e Comunicação de Ideias**. Um tipo de serviço procurado por quem precisa de ajuda para botar em ordem seus objetivos de vida, estruturando-os em forma de um Projeto. Parte-se de uma revisão ideológica sobre a vida do cliente, suas crenças e seus desejos, apoiando-o na montagem de um Plano de Ação a ser executado. Nesse tipo de consultoria, acontecem duas grandes etapas. Ambas funcionam em forma de espirais que representam caminhos a serem perseguidos; o caminho para dentro e o caminho de volta para fora. A primeira etapa caracteriza-se pela **organização das ideias** (caminho para dentro, para o eixo). Aqui, o cliente geralmente chega confuso, perdido, inseguro e mergulhado num caos onde se misturam sonhos, metas, traumas, decepções e conflitos. Para ajudá-lo, propõe-se um debate a respeito de seus valores, de sua razão de existir, sua missão, seu negócio e sua visão de futuro. Esses são temas abordados por várias linhas de consultoria na área empresarial, que se mostram fundamentais para a organização de um projeto de vida.

Durante essa etapa, o cliente é, então, convidado a mergulhar no conjunto de convicções que guiam a sua conduta, estruturando o que James Collins e Jerry Porras chamam de 'ideologia central'. É fácil estabelecer a relação feita pela teoria de administração desses autores com as bases conceituais da logoterapia, especialmente, com a tríade fundamental, já citada em alguns momentos deste

texto: "*liberdade da vontade*"; "*vontade de sentido*" e "*sentido da vida*" (KROEFF, 2012, p. 1). Em seu best seller, *Feitas para durar: práticas bem-sucedidas de empresas visionárias*", Collins e Porras fazem um estudo para mostrar o poder de perpetuação de empresas que possuem "alma". São instituições que atingem liderança, riqueza e credibilidade justamente por terem um propósito que ultrapassa o interesse pelo ganho material e pelo sucesso em si. Empresas que objetivam contribuir, de alguma forma, com o mundo a sua volta, deixando um legado de valor para a sociedade.

Uma empresa visionária preserva quase que religiosamente a sua ideologia central. Os valores centrais de uma empresa visionária formam uma base sólida e não se deixam levar por tendências e modas passageiras; em alguns casos, os valores centrais permanecem intactos por mais de cem anos. E o objetivo fundamental de uma empresa visionária - sua razão de ser - pode servir de guia por muitos séculos como uma estrela no horizonte. Ao mesmo tempo, as empresas visionárias demonstram uma incrível vontade de progredir que lhes permite mudar sem comprometer seus ideais tão acalentados (COLLINS-PORRAS, 1995, p. 25).

Para os autores, empresas que levam a sério os seus princípios conduzem suas práticas gerenciais de acordo com o que acreditam, ainda que isso represente perdas financeiras e prejuízos de ordem material. Foi o caso da empresa Johnson & Johnson, que virou um exemplo de condução ética nos anos 1980, ao enfrentar sérias dificuldades com o produto tylenol, nos Estados Unidos. Um pouco da história da companhia e a maneira como enfrentou o problema é relatado por Collins e Porras em sua obra:

A Johnson & Johnson fala em primeiro lugar dos ideais acima dos lucros e enfatiza a importância dos lucros dentro do contexto destes ideais. Quanto Robert W. Johnson fundou a Johnson & Johnson em 1886, ele o fez com a meta idealista de "aliviar a dor e as doenças". Em 1908, ele havia transformado isto numa ideologia de negócios que colocava o serviço do cliente e a preocupação com os funcionários na frente dos retornos dos acionistas. Em 1935, Robert W. Johnson Jr. refletiu estes sentimentos numa filosofia que chamou de "interesse pessoal iluminado", onde o "serviço aos clientes vem em primeiro lugar"... o serviço aos funcionários e

à gerência vem em segundo lugar e... o serviço aos acionistas vem por último". Mais tarde (1943), ele acrescentou o serviço à comunidade à lista e transformou a ideologia da J&J no que chamou de "Nosso Credo". Apesar da redação do credo ser revista periodicamente desde 1943, a ideologia básica - a hierarquia de responsabilidades que vai dos clientes aos acionistas e a ênfase explícita num retorno justo e não máximo - manteve sua consistência desde a criação. (...)A faculdade de Administração de Harvard dedicou um estudo de caso inteiro sobre a forma como a J&J transformou o seu credo em ações. A companhia usou o credo como base da sua reação à crise do tylenol em 1982, por exemplo, quando as mortes de sete pessoas nas redondezas de Chicago revelaram que alguém - não um funcionário - havia adulterado embalagens de tylenol, envenenando-as com cianeto. A J&J imediatamente removeu todas as cápsulas de tylenol de todo o mercado norte americano - apesar de as mortes terem ocorrido apenas nas redondezas de Chicago - arcando com um custo estimado em US\$ 100 milhões e colocou 2.500 pessoas em ação para alertar o público e lidar com o problema. O Washington Post escreveu sobre a crise, dizendo que "a Johnson & Johnson tinha demonstrado ao público que era uma empresa que estava disposta a fazer o que é certo, independente dos custos". (COLLIN & PORRAS, 1995, p. 95-97)

Fica claro, no exemplo acima, o quanto os valores centrais da companhia lhes serviram como fonte de orientação, priorizando uma conduta de devoção ao seu credo ainda que representasse prejuízos dos quais a empresa não tinha qualquer responsabilidade direta, já que foi vítima de chantagem industrial. É a esse tipo de postura que se refere Viktor Frankl ao falar da relação com o sucesso (um efeito colateral de uma conduta de valor praticada a longo prazo). Isso, portanto, também se aplica aos projetos de vida de pessoas físicas. Afinal, a J&J só seguiu nessa direção porque um dia, no século XIX, o seu fundador plantou a sua pessoal semente ideológica ao inaugurar a empresa. Em logoterapia, a conduta da J&J está relacionada ao conceito de liberdade. Muitas vezes, não há liberdade **de** condições, mas liberdade **para** posicionar-se frente às condições. A J&J não teve como evitar o problema com o seu produto e pessoas acabaram morrendo. Contudo, escolheu arcar com todo o prejuízo posterior, mesmo não tendo culpa pelo episódio, para que outros não fossem vitimados. A empresa foi leal ao seu **sentido**. Daí, Frankl defender que o homem é responsável pelo que tiver feito de si mesmo. A etapa da **organização das ideias** visa isso: fazer com que o cliente reflita sobre o seu Projeto a partir do seu **sentido** e se responsabilize por ele.

Exemplo de "Quadro de Ideologia Central" - 1a. espiral: organização das ideias

Ciente: Médica	
Valores • Perseverança e superação de limites • Alegria, dinamismo e energia no fazer • Prazer em cuidar e ajudar as pessoas • Lealdade, comprometimento e integridade • Reserva e busca por composição com o outro	
Finalidade FACILITAR A CURA	
Missão Ajudar as pessoas a entrarem em contato com a própria força, através de diversos tipos de Terapêutica das quais elas possam se utilizar a fim de atingirem a saúde como bem estar global.	
Negócio Medicina Holística, uma medicina que tenha um foco na espiritualidade	
Modalidades de Serviço Medicina ocidental: clínica geral, gastroenterologia Medicina oriental: acupuntura e dietoterapia	
Visão Ser reconhecida como uma pessoa que construiu um legado de melhoria energética para o planeta.	

Tendo organizado o eixo ideológico, a espiral da **comunicação das ideias** começa a se desenrolar. Ações novas e/ou corretivas são implementadas de acordo com os princípios norteadores alinhados pelo cliente. Nessa nova etapa os temas são trabalhados considerando a singularidade de cada processo, como revisão dos núcleos profissionais do sujeito, sua atuação nos papéis sociais, sua marca, suas formas de liderança e negociação, a maneira como lida com agenda, dinheiro, administração de conflitos, entre outros aspectos que deságuam no **Planejamento Estratégico Pessoal**. Durante a caminhada, o desafio é fazer

com que seus comportamentos reflitam a ideologia central estruturada. Tal movimento deixa evidenciado outro conceito chave da logoterapia: a **noodinâmica**. Ou seja, a tensão entre o que o cliente "*é ou faz*" e aquilo que ele "*deveria-ser ou fazer*" de acordo com seus valores e o seu sentido de vida. Uma confrontação interna vista pela Escola de Frankl como saudável à evolução humana.

Pode-se dizer que o fluxo noodinâmico da **comunicação das ideias** ganha vida numa Consultoria Pessoal pelas vias da tríade dos valores. Pelos **valores de criação**, o sujeito vai realizando o Projeto por meio de tudo o que ele dá/entrega ao mundo, especialmente o seu trabalho, a sua contribuição junto à comunidade e a construção de um legado. Segundo Aquino, é aqui que se encontra a diferença entre um autor que escreve um livro para figurar entre os mais vendidos e outro que escreve para presentear seus leitores (AQUINO, 2013). Junto aos de criação, comparecem, na jornada, os **valores vivenciais** ou de experiência. Não basta que o cliente "*doe ou entregue*" algo. É preciso também que ele esteja aberto a "*receber*": degustar as alegrias, celebrar pequenas vitórias, ser remunerado justamente, descansar, compartilhar com alguém amado as conquistas do caminho... Contudo, ao mesmo tempo, o trajeto de conversão da etapa de **organização** para a de **comunicação das ideias** também guarda desafios e dificuldades. Muitas vezes, será preciso renunciar, perder, arcar com prejuízos em prol daquilo que se diz querer ser e/ou fazer (vide o exemplo da Johnson & Johnson acima apresentado). Por isso, o cliente precisa, a todo instante, fazer uso dos **valores de atitude**. Ou seja, precisa se posicionar diante de sofrimentos inevitáveis que o percurso possa trazer. Para a logoterapia, "quando uma circunstância é boa, devemos desfrutá-la, quando não é, devemos transformá-la; e quando não puder ser transformada, devemos transformar a nós mesmos" (FRANKL, citado por AQUINO, 2013). Na Escola de Frankl não se ignora a falibilidade e o perecimento humanos. Ao contrário, no sofrimento, na culpa e na morte - **tríade trágica** - também se encontra o sentido: "*a vida do homem não culmina somente criando e gozando, mas também sofrendo*" (FRANKL, citado por KROEFF, 2012).

Ao término da caminhada pelas espirais da **organização** e da **comunicação**, o cliente é convidado a fazer um Rito de Fechamento. Geralmente,

isso se dá com a confecção de um book contendo os tópicos mais importantes trabalhados, ou ainda, a realização de um evento (workshop, retiro, seminário, palestra, etc). Tal produto final é pensado e elaborado de maneira a caracterizar o que foi aquele processo de Consultoria Pessoal, o seu conceito e os seus temas primordiais, a partir da ideologia central desvelada junto ao cliente. O mais importante é que o sujeito saia desse trabalho mais consciente de sua tarefa única, se responsabilize por ela e dê mais um passo na direção de quem ele decide ser para o mundo.

CONCLUSÃO

Relacionar o trabalho de **consultoria pessoal** aos conceitos fundamentais da logoterapia abre a possibilidade de concordância com Uwe Böschmeyer ao defender que a análise humanista-existencial de Viktor Frankl "pode ajudar os homens de hoje: homens famintos de sentido e de valores" (BÖSCHEMEYER, 1991). A busca por estruturação de **Projetos de vida e de carreira** intensifica-se numa curva cada vez mais crescente. À primeira vista, trata-se de uma corrida angustiada para corresponder às demandas do mercado, se aperfeiçoar, atingir metas, progredir sem parar. Contudo, numa leitura mais cuidadosa, percebe-se, que a angústia fala, na verdade, da sede por uma releitura sobre a própria existência. Por isso, a conduta do profissional procurado é tão decisiva. Cabe a ele escolher ser instrumento de submissão ou de resistência a um sistema tão perverso. É preciso entender que um trabalho de autoconhecimento - seja em consultoria pessoal, *coaching* de vida, mentoria, aconselhamento, psicoterapia, psicanálise etc. - muito embora não possa apresentar juízos de valor ou julgamentos sobre a pessoa atendida, não deixa de carregar consigo um posicionamento político sobre o mundo. Não há como ser de outra forma. E no que se refere ao modelo pós-moderno, Robert Dufour alerta que o capitalismo conseguirá chegar ao ponto de "consumir a si mesmo". O problema é que "ele não se consumará antes de ter consumido tudo: os recursos, a natureza, tudo - inclusive os indivíduos que a ele servem" (DUFOUR, 2005, p. 9).

As estratégias que, para Dufour, levam o capitalismo recente a consumir o homem de forma mais rápida são "a redução das cabeças" e "a redução dos espíritos". Neste artigo, acredita-se que as estratégias para se promover o contrário devem ser "o fortalecimento do pensamento crítico" e o "desvelar de um sentido de vida em cada sujeito". Entende-se que a análise humanista-existencial frankliana possa contribuir com essa seara. Para Elisabeth Lukas, em logoterapia, isso se consegue pois sempre haverá um compromisso com a auto-experiência, que faz com que o terapeuta assuma a "tarefa de cuidar" como o seu próprio *logos*.

A todos aqueles que atuam ou pretendem atuar em logoterapia gostaria de recomendar que, além de serem modestos em suas exigências de êxito, e além de respeito para com o próximo, assumissem a decisão pelo sentido que sempre de novo precisa ser realizada. (LUKAS, 1992, p. 299).

É possível que, a partir daí, se realize o bom combate contra a 'infantilidade vitalícia' (BARBER, 2009, P. 13) e fantasiosa, que vem devastando o adulto e sua atuação na sociedade. Ao desvendar o ilusório, restará sempre ao homem a reconquista do nada que descobriu. No desamparo da liberdade, solitário e condenado a decidir, segue o ser valorizante em uma viagem sem retorno (HEEMANN, 2001). É assim que pensando com a própria cabeça e tendo um sentido de vida para além do sucesso, do dinheiro e da felicidade egocêntrica, se poderá ouvir o que Paulo de Tarso um dia mencionou em I Coríntios (1989, 13:11, p. 1118), no Novo Testamento: "Quando eu era criança, eu falava como uma criança, compreendia como uma criança, pensava como uma criança, mas, quando me tornei um homem, deixei de lado as coisas infantis".

REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Sentido e Valores: slides de apresentação, módulo 12 da Pós Graduação em Logoterapia*. Curitiba: 2013.

BARBER, Benjamin. *Consumido: como o mercado corrompe crianças, infantiliza adultos e engole cidadãos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. *Vida para Consumo: a transformação de pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BEZERRA JR, Benilton. *A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar*. In: *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Organização João Freire Filho [Et al]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. *I Coríntios, capítulo 13, versículo 11*. São Paulo: Edições Loyola. 1989.

BIRMAN, Joel. *Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade*. In: *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Organização João Freire Filho [Et al]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BLOCK, Peter. *Consultoria: o desafio da liberdade*. São Paulo: Makron, 1991.

BÖSHEMEYER, Uwe. *Fundamentos, diretrizes e métodos de trabalho em logoterapia*. "Prevenção psicológica"- Coleção Logoterapia- Editora Vozes- 1991.

COLLINS, James. **PORRAS**, Jerry. *Feitas para durar: práticas bem-sucedidas de empresas visionárias*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

DAMASCENO, Bianca. *A sociedade contemporânea e seus meios de competência: uma crítica ao coaching à luz da teoria psicanalítica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Veiga de Almeida. 2011.

DE BARBIERI, Alejandro. *Economía y Felicidad: una vida con sentido*. Editorial Fin de Siglo. Uruguay, 2012.

DORO, Marcos. *Hierarquia X Heterarquia*. Set-2008. Sem página. In: <<http://marcosdoro.wordpress.com/2008/09/03/heterarquia-x-hierarquia-o-fim-da-verticalidade-nas-redacoes/>>. Consultado em 03.01.2014.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2005.

FABRI, Joseph B. *A busca do Significado: logoterapia e vida*. 4 ed. São Paulo: Cultura Espiritual, 1984.

FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. 4 ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

_____. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 16 ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2005.

_____. *Fundamentos y Aplicaciones de la logoterapia*. Buenos Aires: San Pablo, 2007.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE FILHO, João. *A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”*. In: *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Organização João Freire Filho [Et al]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREUD, Sigmund. *Edições Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume XVIII: Além do Princípio do Prazer; Psicologia de Grupo; E Outros Trabalhos (1920 ~ 1922). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O mal-estar na civilização (1930[1929])**. Edição Standard das Obras Completas. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEEMANN, Ademar. *Natureza e Ética: dilemas e perspectivas educacionais*. Ed. UFPR, 2001,

KROEFF, Paulo. *Logoterapia: visão antropológica*. Apostila do Módulo Bases Antropológicas e Epistemológicas da Logoterapia, 2012.

KURZ, Wolfram. *Die therapeutische beziehung im zusammenhang von klientenzentrierter psychotherapie und logotherapie*. Tagungsbericht, 1986. n 2, ano 1, páginas 33 e 90.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2005.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1979] 2009.

LUKAS, Elisabeth. *Logoterapia vivida*. Palestra proferida em outubro de 1988, em Frankfurt. “Mentalização e Saúde”- Coleção Logoterapia- Editora Vozes- 1992.

_____. *Mentalização e saúde: a arte de viver e a logoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1990 [1987].

PETER, Ricardo. *Livra-nos da perfeição*. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *De la antropologia del significado a la antropologia del limite*. Disponível in <http://www.logoterapia.com.mx/articuloDetalle.php?IdItem=25>. Consultado em 02.06.12.

PINTOS, Claudio Cesar Garcia. *O entardecer da existencia: ajuda para o idoso viver feliz*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1992.



QUINET, Antonio. *Não há futuro sem psicanálise*. In: *O futuro da psicanálise*. Organização Aristides Alonso e Rosane Araujo [Et al]. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/FAPERJ, 2002.

SCHOLER, Max. *A posição do homem no Cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

TULIO, Marcus Caldas. LIMA, Maria Eugênia Calheiros. *O homo humanus à luz da Verdade do Ser e do Sentido da Vida: o pensamento de Martin Heidegger e de Viktor Frankl acerca da humanitas*. Revista Logos & Existência. UNICAP. 1. 2012. p. 88-99.

ZIZEK, Slavoj. *You May*. *London Review of Books*, v. 21, n.6, p.3-6, 1999.